

## Exposição museológica inclusiva: o caso do museu de arqueologia regional da FCT-Unesp, Presidente Prudente/SP

Graziella Praça Orosco de Souza \*

Fernando Lopes da Silva \*\*

Thiago de Moraes dos Passos \*\*\*

Paulo Henrique da Silva Leonardo \*\*\*\*

Neide Barrocá Faccio \*\*\*\*\*

SOUZA, G.P.O.; SILVA, F.L.; PASSOS, T.M.; LEONARDO, P.H.S.; FACCIO, N.B.  
Exposição museológica inclusiva: o caso do museu de arqueologia regional da FCT-Unesp, Presidente Prudente/SP. R. Museu Arq. Etn. 39: 140-155, 2022.

**Resumo:** Este artigo busca refletir sobre a acessibilidade em museus ao analisar a contribuição de uma exposição arqueológica tátil visando o aprendizado de aspectos da cultura Guarani. Para tanto, apresenta resultados de uma experiência prática vivenciada por participantes cegos em visita monitorada à exposição organizada pelo Museu de Arqueologia Regional da FCT-Unesp, do campus de Presidente Prudente/SP. A visita consistiu em caminhada com mediação monitorada pela área da exposição de longa duração do museu e experiência tátil em exposição previamente preparada pelos pesquisadores do museu, com a participação de um acadêmico cego. A experiência com o acadêmico ocorreu por um período de seis meses, com atividades de seleção de materiais, descrição das peças, confecção das etiquetas de identificação e treinamento de monitoria. Os visitantes, também cegos, tiveram contato com a exposição por um período de duas horas, quando puderam conhecer, por meio da experiência tátil, aspectos da cultura Guarani a partir das características de fabricação de vasilhas cerâmicas. A experiência comprovou ser possível garantir a acessibilidade da comunicação museal por meio de exposições previamente pensadas e preparadas para tal finalidade.

**Palavras-chave:** Acessibilidade em museus; Exposição tátil; Cultura guarani; Arqueologia regional; Sociomuseologia.

\* Doutora em Geografia. Pesquisadora do Museu de Arqueologia Regional da Universidade Estadual Paulista. <grazaorosco@gmail.com>

\*\* Doutorando em Geografia. Pesquisador do Museu de Arqueologia Regional da Universidade Estadual Paulista. <fernandoeducar.educar@gmail.com>

\*\*\* Doutorando em Geografia. Pesquisador do Museu de Arqueologia Regional da Universidade Estadual Paulista. <thiagomoraespastos@gmail.com>

\*\*\*\* Licenciado em Pedagogia. Pesquisador do Museu de Arqueologia Regional da Universidade Estadual Paulista. <paulo.leonardo@unesp.br>

\*\*\*\*\* Coordenadora do Museu de Arqueologia Regional. Docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista. <nfaccio@terra.com>

### Introdução

A instituição museológica, com base nas reflexões propostas pela Sociomuseologia, passou a modificar a maneira como vem difundindo conhecimentos sobre o patrimônio histórico e cultural.

A constante construção e reconstrução da identidade dos diferentes públicos vem sendo objeto de ações educativas, exposições temáticas, cursos de formação e outras ações realizadas no âmbito do Museu, que permitem a discussão, em múltiplas escalas sociais, sobre as diferentes visões de mundo, de indivíduo, de sociedade

e de cultura, fazendo com que seu público frequentador passe a se perceber enquanto sujeito ativo do contexto em que está inserido.

Nesse sentido, pensar em inclusão das pessoas com deficiência e das pessoas que, por diversos motivos, não têm acesso às atividades culturais, é pensar sob a ótica educacional multicultural, que respeita as diversidades e limitações apresentadas por esse público peculiar, em ações de valorização da cultura e preservação patrimonial.

Pensando nisso, o Museu de Arqueologia Regional (MAR) da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista (FCT – Unesp), do campus de Presidente Prudente/SP objetivou contribuir com o acesso e a frequência de pessoas cegas e com baixa visão às coleções expostas e às atividades educativas propostas à comunidade. A iniciativa partiu do grupo de pesquisadores do MAR que compreenderam a necessidade de aprimorar as ações realizadas no âmbito do Museu, visando a inclusão de públicos diversos, tanto pessoas com necessidades especiais, quanto pessoas sem acesso ao Museu e que se encontram marginalizadas no contexto histórico-cultural regional (não-público<sup>1</sup>).

O trabalho foi desenvolvido com base em legislação e referenciais teóricos da inclusão, e em vivências com acadêmicos cegos de cursos de graduação da Unesp. A partir daí, foi planejada a exposição para visitação, no intuito de promover o acesso à informação museal a esse público específico.

### Aspectos de inclusão no museu

De acordo com o artigo 1º da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência:

1 O conceito de não-público foi mencionado por Fleury (2009), em sua obra “Sociologia da cultura e das práticas culturais”, que discute, entre outros assuntos, a diversidade das práticas culturais e dos públicos. Com a criação dessa categoria, Fleury buscava distinguir as pessoas que não frequentavam determinadas instituições culturais, utilizando-se do termo para designar aqueles “excluídos da cultura”, especificamente da cultura culta, em razão de não acessarem esses locais por diversos motivos.

*Pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas (Brasil 2009: 3).*

Na perspectiva da inclusão, para acolher e tornar mais fácil a convivência das pessoas com necessidades especiais, é preciso pensar em acessibilidade, ou seja, eliminar barreiras com vistas a uma sociedade equânime. A locomoção e vivência das pessoas com deficiência, nos diferentes espaços sociais, exige cumprir com a proposta de igualdade preconizada. Nesse âmbito, o debate sobre diversidade cultural emerge em diferentes cenários. Uma instituição museológica engajada em absorver em suas atividades uma perspectiva multicultural, necessita, *a priori*, refletir sobre seu papel na sociedade atual. É necessário rever a postura reprodutora do *status quo* que reforça a condição dominante versus dominado que, no cenário inclusivo, se refere a favorecer as pessoas que não apresentam deficiência e que têm livre/fácil acesso aos bens culturais.

Nesse aspecto, a Sociomuseologia vem contribuindo com mudanças na abordagem dos museus, objetivando a construção e reconstrução da identidade dos diferentes públicos, levando-os a refletir sobre as diferentes visões de mundo, de indivíduo, de sociedade, de cultura, e a se perceber enquanto sujeito ativo do contexto em que está inserido.

*A Sociomuseologia constitui-se, assim, como uma área disciplinar de ensino, investigação e atuação que privilegia a articulação da museologia em particular com as áreas do conhecimento das Ciências Humanas, dos estudos do desenvolvimento, da Ciência de Serviços e do Planejamento do Território (Moutinho 2014: 1).*

Além disso, pensando nas pessoas que, por diversos motivos, não têm acesso às atividades culturais, uma percepção educacional multicultural não tenciona reproduzir e

legitimar o sistema dominante já existente, fazendo com que a cultura de um povo seja sujeita a uma determinada classe e ao modelo econômico caracterizado por ela, mas dar oportunidade aos indivíduos de repensar em seu papel enquanto cidadão e a valorizar sua cultura. Portanto, faz-se necessário haver respeito à diversidade e à consciência de que todos devem ser reconhecidos como iguais em dignidade e em direito.

Segundo Moreira (2001), nossas sociedades contemporâneas são inegavelmente multiculturais, sendo que nelas as diferenças derivadas de dinâmicas sociais como classe social, gênero, etnia, orientação sexual, cultura e religião se expressam nas distintas esferas sociais. Assim, o multiculturalismo pode indicar diversas ênfases:

1. Uma atitude a ser desenvolvida em relação à pluralidade cultural;
2. Meta a ser alcançada em um determinado espaço social;
3. Estratégia política referente ao reconhecimento da pluralidade cultural;
4. Corpo teórico de conhecimentos que buscam entender a realidade cultural contemporânea; e
5. Caráter atual das sociedades ocidentais e orientais.

As diferentes comunidades dentro de uma mesma sociedade podem apresentar aspectos culturais diferentes. É o que acontece, por exemplo, na comunidade de pessoas cegas ou surdas. As suas formas de relacionamento, pontos de encontro e as maneiras estabelecidas de comunicação acabam por constituir diferentes lugares dentro da sociedade.

Moreira (2001) defende o multiculturalismo crítico que visa transformar as próprias condições sociais e históricas que naturalizam os sentidos culturais. Nessa concepção, não existe uma humanidade comum, mas apenas identidades definidas pelos diferentes contextos de discurso ou de cultura. Pode-se afirmar que o multiculturalismo se refere, basicamente, à forma como ocorre a transição de uma cultura comum ou homogênea para culturas diferenciadas, visando a inclusão de pessoas ou

grupos considerados excluídos pela condição humana em que se apresentam.

Nessa perspectiva, o termo multiculturalismo induz a imaginar uma sociedade construída como um mosaico, formado por diferentes culturas, sendo, cada uma delas, estática. Outro termo que bem expressa essa ideia é o interculturalismo, que pode sugerir uma inter-relação dinâmica entre as culturas, com acomodação e ajustes constantes. “Inter” expressa “o sentido de interação, troca, reciprocidade e solidariedade entre culturas” (Moreira 2001:74).

No entanto, é fato comum a sociedade considerar a deficiência como característica e atributo a ser restabelecido, e não vislumbrar a ideia de multiculturalismo possível, a partir das adaptações provocadas por essas diferentes comunidades (a surda e a cega, por exemplo). Assim:

*A deficiência provoca o que se chama de “luxação social” (...), ou seja, toda a vida da pessoa com deficiência, seu papel no meio social (família, escola, trabalho) estaria organizada pelo ângulo da deficiência, de modo a privar a participação nesses espaços. A deficiência não modifica apenas a relação do sujeito com o mundo (meio físico), mas, principalmente, a relação com as outras pessoas (meio social). Isso porque os órgãos que podem ser afetados pela deficiência são mais que biológicos, são órgãos sociais (Cenci 2015: 5).*

Tratar de maneira diferente a deficiência é questão importante, quando se trabalha com a inclusão. Como aponta Mantoan (2015), “é preciso que tenhamos o direito de sermos diferentes quando a igualdade nos descaracteriza e o direito de sermos iguais quando a diferença nos inferioriza” (Mantoan 2015: 36-37).

Nesse sentido, sob os preceitos da Sociomuseologia, as ações da instituição museológica se voltam ao trabalho mais efetivo junto à sociedade, no intuito de contribuir com uma formação cidadã crítica e consciente. Dessa forma, o museu encontra no patrimônio o seu vocabulário, e a forma de expressão passa ser a proposta de disseminação cultural a todas as esferas da sociedade.

O trabalho de acessibilidade no museu deve considerar que as instituições museológicas, bem como outros espaços de vivência social, não se encontram preparados para a diversidade de público que atualmente se apresenta. Vigotski (2011) retrata muito bem esse fato ao dizer que:

*Toda a nossa cultura é calculada para a pessoa dotada de certos órgãos – mão, olho, ouvido – e de certas funções cerebrais. Todos os nossos instrumentos, toda a técnica, todos os signos e símbolos são calculados para um tipo normal de pessoa. E daqui surge aquela ilusão de convergência, de passagem natural das formas naturais às culturais, que, de fato, não é possível pela própria natureza das coisas e a qual tentamos revelar em seu verdadeiro conteúdo (Vigotski 2011: 867).*

Como mencionado pelo autor, a passagem das formas naturais para as culturais pode ser de grande dificuldade para a pessoa com necessidades especiais, uma vez que a naturalidade para essa pessoa é diferente. Por exemplo, é natural a pessoa cega tatear para descobrir seu entorno e suas percepções de espaço se fazem por meio de outras sensações, como a audição, por exemplo. Assim, a passagem do natural (tátil) para o cultural (imersão no mundo vidente), para a pessoa cega terá outras relações que decorrem de adequações. Nesse sentido, para o autor, “o desenvolvimento cultural é a principal esfera em que é possível compensar a deficiência. Onde não é possível avançar no desenvolvimento orgânico, abre-se um caminho sem limites para o desenvolvimento cultural” (Vigotski 2011: 869).

Dessa forma, o museu se apresenta como grande contribuinte para essa formação cultural, uma vez que, por ser um espaço de educação não formal, envolve outras metodologias de aprendizado, diferenciadas e mais atrativas do que as que se apresentam na educação formal.

Conforme Figurelli (2013):

*A Educação Não-Formal considera e reaviva a cultura dos indivíduos envolvidos neste processo, incluindo tanto educadores como educandos, fazendo com que a bagagem cultural*

*de cada um seja respeitada e esteja presente no decorrer das ações (Figurelli 2013: 36).*

Portanto, pensar a função socioeducativa na perspectiva inclusiva no museu exige que se ampliem os trabalhos para além das necessárias adequações em infraestrutura. Para Tojal (2015):

*A concepção e implantação de uma política de acessibilidade solicita muito mais do que atitudes e envolvimento de profissional isolados. Elas requerem, isto sim, primeiramente, o compromisso de todos os profissionais do museu, bem como a realização de pesquisas e estabelecimentos de parcerias com outras instituições museológicas, educativas e culturais, além de uma aproximação e diálogo permanente com instituições especializadas. Destaca-se também como essencial a consultoria de profissionais com deficiência nessas ações (Tojal 2015: 194).*

Assim, pensar a inclusão no interior da instituição museológica é pensar em propostas educativas e de difusão cultural diferenciadas, que possam promover o aprendizado na relação do sujeito com o bem cultural, e colaborar com a fruição do saber a todos os visitantes.

Uma vez que as mudanças de paradigma decorrentes da nova perspectiva museológica possibilitaram a ampliação de diferentes públicos no museu, a busca por novos métodos de comunicar o patrimônio histórico e cultural fizeram com que o museu deixasse de ser elitista e passasse a exercer a função de agente de significativas mudanças sociais. Para Aidar (2002):

*A comunicação museológica é a área em que se localiza a contribuição específica dos museus aos processos de inclusão social, a partir da sua capacidade de manipulação e difusão do conhecimento, ou do que se pode chamar como a sua autoridade interpretativa, seu papel como criador de narrativas sociais dominantes, que podem, como se sabe, ser utilizadas tanto para incluir segmentos da sociedade quanto para excluí-los e cristalizar preconceitos (Aidar 2002: 61).*

É, portanto, no trabalho educativo e na comunicação por meio das suas exposições que

o museu se torna lugar de novos aprendizados. Na perspectiva inclusiva, o museu tende a facilitar o acesso a esse conhecimento, adequando a comunicação do patrimônio por ele salvaguardado, de forma a permitir acesso aos diferentes públicos.

*Para os públicos com deficiências, físicas, sensoriais, emocionais e intelectuais, o conceito do modelo emergente de concepção expográfica, é, com certeza, aquele que, ao permitir o contato direto, isto é, a experiência concreta com o objeto museal, pela via multissensorial, garante uma maior gama de acesso e formas de decodificação desse objeto a essas pessoas (Tojal 2015: 199).*

Nesse sentido, exposições que possam promover mais autonomia dos visitantes, independentemente de suas necessidades diferenciadas, além do acompanhamento de monitores e educadores preparados para o atendimento diferenciado, potencializam a experiência educativa.

### A exposição tátil do Museu de Arqueologia Regional

O Museu de Arqueologia Regional (MAR) é dirigido pela arqueóloga e curadora Profa. Livre Docente Neide Barrocá Faccio. Inaugurado em 2016, o MAR conta com sala de exposição de 25 m<sup>2</sup> e, desde o início de 2017, foi elevado à categoria de Museu, se adequando às normas do Conselho de Orientação do Sistema Estadual de Museus (Cosisem) para fazer parte do cadastro do Sistema Estadual de Museus.

O MAR oferece para a comunidade materiais arqueológicos de grupos indígenas agricultores guarani (grupo Tupi-Guarani), kaingang e kaiapó (Grupo Jê) pré-históricos, representados por cerâmicas, pedras lascadas e pedras polidas, assim como de grupos caçadores-coletores, representados por pedras lascadas (notadamente pontas de flecha, raspadores e furadores). Esses materiais apresentam contextos de sítios datados de 250 a 1.668 anos Antes do Presente (A.P.).



**Fig. 1.** Vista do Museu de Arqueologia Regional.

**Fonte:** Autores, 2019.

Descrição da imagem: trata-se de uma fotografia que mostra parcialmente a sala e exposições do museu, apresentando algumas mesas expositoras, urnas funerárias e painéis com informações sobre as coleções. Há três fileiras de mesas expositoras, sendo uma à direita, uma à esquerda e uma central, com distância de 1,5 metro entre elas, permitindo a livre circulação de visitantes. Nas laterais do percurso, há portas de acesso aos laboratórios (restrito aos pesquisadores do museu).

A iniciativa para a montagem de uma exposição tátil partiu de um grupo de pesquisadores do museu, acadêmicos do Programa de Pós-Graduação em Geografia (Mestrado e Doutorado) e do acadêmico Paulo Henrique da Silva Leonardo, do Curso de Geografia, cuja participação possibilitou melhor direcionamento em relação à expografia. Paulo teve sua visão prejudicada por quadro de Retinopatia Diabética<sup>2</sup>, com processo acelerado em razão de um acidente automobilístico sofrido aos 26 anos de idade, deixando-o completamente cego.

O trabalho com o Paulo teve início em

2019, visando identificar as necessidades de adequação da infraestrutura externa (de acesso ao local), sendo possível avançar para a questão da acessibilidade no interior do Museu. O trabalho envolveu adequações no mobiliário e em estratégias para reorganizar o espaço da exposição de longa duração, de acordo com as normativas brasileiras (e portuguesas, quando as nacionais não tratavam do assunto). O acadêmico também teve acesso aos artefatos, e conseguiu identificar aspectos de diferenciação, tais como formato, peso, porosidade, densidade, dimensão e cor.



**A**

**B**

**Fig. 2.** Primeiro contato com as peças do Museu de Arqueologia Regional.

**Fonte:** Autores, 2019.

Descrição da imagem: a Fig. 2 A apresenta Paulo sentado em frente a uma mesa branca e com um fragmento de cerâmica nas mãos. Ele tateia o fragmento para identificar a borda, o ângulo de parede e a decoração escovada. A Fig. 2B é focada nas mãos de Paulo, que estão com um grande fragmento de cerâmica em que se identifica a borda do vaso liso com barbotina<sup>3</sup>.

Para melhor registrar as suas impressões em relação aos artefatos, foram realizadas gravações em vídeo, áudio (posteriormente transcritos) e fotografias. Paulo tem lembranças visuais muito claras e, com suas orientações, foram selecionadas peças originais e algumas réplicas para compor a exposição tátil do museu. A partir das impressões dele e de discussões com a equipe de pesquisadores do museu, foi possível a organização de duas

vitrines para exposição. Uma, contendo materiais arqueológicos dos grupos caçadores-coletores, incluindo lascas, percutores, lâminas de machado e polidores de sulco, e outra com o intuito de apresentar aspectos da cultura material dos grupos ceramistas guarani.

No momento da escolha das peças para a exposição, houve a preocupação em promover o contato com artefatos que permitissem ao visitante criar a imagem visual de seu uso, no

2 Retinopatia diabética é uma complicação da diabetes que ocorre quando o excesso de glicose no sangue danifica os vasos sanguíneos dentro da retina

3 A barbotina é argila diluída em água usada para banhar a cerâmica antes da queima, resultando em uma cobertura muito fina e lisa.

momento em que o monitor da exposição fizesse a audiodescrição. No caso da exposição de caçadores-coletores, optou-se por peças

grandes, com marcas profundas de batidas ou de uso e com gume cortante.



**A**



**B**

**Fig. 3.** Peças selecionadas para exposição: Machados polidos em basalto.

**Fonte:** Autores, 2019.

Descrição das imagens: trata-se de duas fotografias de exemplares de machados polidos em basalto. A Fig. 3A apresenta um machado polidoelipsoidal, com gume (lâmina) convexo. A Fig. 3B apresenta um exemplar de machado polido trapezoidal, corpo levemente achatado, com gume convexo. A textura de ambos os machados é áspera, característica de machados confeccionados a partir de basalto. Estes machados eram utilizados para cortar, incisar e fender materiais, tais como madeira.



**A**



**B**

**Fig. 4.** Peças selecionadas para exposição: Percutor duro.

**Fonte:** Autores, 2019.

Descrição das imagens: trata-se de duas fotografias. A Fig. 4A apresenta um percutor duro. Esse artefato era utilizado para desferir golpes em outras rochas (núcleo) para obtenção de lascas provenientes desse impacto. O percutor acima apresenta formato oval, pois se trata de seixo rolado de silixito, coloração clara e sua superfície é lisa. A Fig. 4B apresenta um polidor de sulco em rocha. Esse artefato era utilizado para polimento de outras rochas para obtenção de artefatos funcionais (lâminas de machado) ou adornos (tais como enfeites labiais – tembetás). A forma do artefato é retangular, achatada e apresenta um corte (inciso) no centro da peça, onde era realizado o polimento de rochas.

Ao selecionar os artefatos para exposição, preocupou-se em identificar as peças que pudessem transmitir maior quantidade de informações por

meio da experiência tátil. Assim, foram escolhidos fragmentos de cerâmica com diferentes espessuras e tratamentos de superfícies.



A. Borda de vaso liso com engobo vermelho



B. Borda de vaso com ângulo de parede e decoração escovada

**Fig. 5.** Peças selecionadas para exposição.

**Fonte:** Autores, 2019.

Descrição das imagens: trata-se de duas fotografias. A Fig. 5A apresenta o interior de um fragmento de vaso cerâmico guarani com presença de borda, parede angular e base convexa. O seu interior apresenta engobo (a camada fina de argila vermelha aplicada sobre os vasos cerâmicos; geralmente, aplica-se engobo para, posteriormente, desenhar sobre ele. O engobo apresentado na figura supracitada se encontra desgastado. A Fig. 5B apresenta a parte externa de fragmento cerâmico com a presença de Borda de vaso com ângulo de parede e decoração escovada. Trata-se de uma superfície decorada com inúmeras incisões paralelas no sentido horizontal das peças. A decoração foi realizada antes da queima, com a argila mole, a partir provavelmente de um sabugo de milho.



A. Fragmento de vaso com decoração ungulada



B. Borda de vaso com decoração corrugada

**Fig. 6.** Peças selecionadas para exposição:

**Fonte:** Autores, 2019.

Descrição das imagens: trata-se de duas fotografias. A Fig. 6A apresenta fragmento de vaso cerâmico com presença de borda de parede angular. O fragmento de vaso apresenta decoração ungulada, incisões em formato convexo se assemelhando às unhas dos dedos, em toda a superfície da peça. A Fig. 6B apresenta fragmento de vaso cerâmico com presença de borda e parede com decoração plástica. A decoração é do tipo corrugada e se assemelha a escamas de peixe. A decoração corrugada pode ser confeccionada com as pontas dos dedos ou com o auxílio de uma espátula de madeira.

A exposição ainda contou com uma vitrine voltada à Educação Patrimonial, com réplicas confeccionadas por especialistas em lascamento, análise de cerâmica e educadores.

No caso dessa exposição inclusiva, as réplicas

constituem instrumentos didáticos, utilizados para o conhecimento mais aprofundado de técnicas de fabricação de ferramentas dos grupos caçadores-coletores, bem como de fabricação e decoração de vasilhas cerâmicas.



A. Ponta de projétil em pedra lascada B. Vasilha de cerâmica com decoração corrugada C. Yapepó com decoração Guarani

Fig. 7. Reprodução confeccionada para exposição inclusiva: .

Fonte: Autores, 2019.

Descrição das imagens: trata-se de três fotografias. As fotos apresentam reproduções confeccionadas para exposição inclusiva: Fig. 7A: ponta de projétil em pedra lascada. Essa reprodução de ponta de flecha foi confeccionada em impressora 3D, tem forma triangular e coloração branca. Fig. 7B: vasilha de cerâmica com decoração corrugada. Esta foto apresenta a reprodução técnica das vasilhas corrugadas utilizadas pelos guarani. Seu formato se assemelha ao de vasilhas domésticas próprias para armazenamento de líquidos ou cozimento de grãos, borda direta inclinada interna. A Fig. 7C apresenta a reprodução de um *cambuchi cagaba* (copo para beber) com decoração guarani. A decoração está na parte superior do vaso e apresenta traços contínuos e repetitivos de linhas perpendiculares.

Os estudos para concepção, elaboração e montagem da exposição percorreram longo caminho, desde o primeiro contato do Paulo com as peças até o momento da inauguração da exposição. A metodologia foi baseada em Cury (2005), que prevê a expografia desenvolvida em etapas, sendo elas:

- 1 a concepção museológica: que se relaciona ao universo temático e conceitual da exposição. Inseridos neste item, estão a concepção espacial (a arquitetura da exposição) e a concepção da forma (os recursos expográficos);
- 2 concepção expográfica, que está relacionada com o design da exposição

na busca por proporcionar experiências sensoriais seguras aos visitantes; e  
3 a elaboração do plano museológico da exposição, que se relaciona à documentação produzida pela exposição (planta arquitetônica, orçamentos, cronogramas, entre outros).

Em seguida, foram realizadas as atividades de montagem, divididas em quatro fases de execução – pré-montagem, plano técnico, fabricação e instalação – também propostas por Cury (2005). Assim, todo o processo foi realizado em um período de 12 meses.



A



B

Fig. 8. Seleção de peças para exposição.

Fonte: Autores, 2019.

Descrição das imagens: trata-se de duas fotografias. A Fig. 8A apresenta Paulo e Graziella selecionando as peças mais adequadas para a exposição. A Fig. 8B destaca Paulo com fragmento cerâmico em mãos, analisando a forma e textura do acervo de peças do Museu de Arqueologia Regional e Laboratório de Arqueologia Guarani para exposição.

A exposição é formada por três expositores adequados para receber as peças selecionadas e promover a experiência qualitativa ao visitante cego e/ou com baixa visão. Pensou-se na impressão de placas de identificação das peças em Braille com o apoio do Centro

de Promoção para Inclusão Digital, Escolar e Social – CPIDES da FCT – UNESP que, dispostas na parte externa das vitrines, auxiliam no entendimento das peças expostas. No entanto, essa impressão não foi possível em razão de o equipamento estar danificado.



**Fig. 9.** Vitrines da exposição inclusiva do Museu de Arqueologia Regional.

**Fonte:** Autores, 2019.

Descrição das imagens: trata-se de uma fotografia que apresenta as vitrines expositoras do Museu de Arqueologia Regional. Em exposição, estão artefatos supracitados no escopo do texto em tela (machados polidos e fragmentos cerâmicos diversos e réplicas de cerâmica guarani).



**Fig. 10.** Detalhe das peças da coleção caçadores-coletores.

**Fonte:** Autores, 2019.

Descrição das imagens: trata-se de uma fotografia que apresenta as vitrines expositoras do Museu de Arqueologia Regional. Em exposição, estão os artefatos supracitados no escopo do texto em tela (machados polidos e fragmentos cerâmicos diversos e réplicas de cerâmica guarani).

A visita ao museu foi realizada no dia 14 de maio de 2019, com a participação de 10 pessoas frequentadoras da Associação de Proteção aos Cegos de Presidente Prudente.

Os acadêmicos Paulo e Thiago de Moraes dos Passos, doutorando em Geografia pela FCT – UNESP, atuaram como monitores da exposição tátil, recepcionando os

visitantes e desenvolvendo o trabalho de educação patrimonial com apoio das peças selecionadas. Em razão do pouco tempo disponibilizado pela Associação para permanência no museu (aproximadamente

uma hora), os visitantes se dividiram em dois grupos. Paulo se ocupou em apresentar as peças dispostas nas vitrines, enquanto Thiago caminhou com o segundo grupo pelas outras exposições do museu.



**A**



**B**

**Fig. 11.** Monitoria na exposição inclusiva.

**Fonte:** Autores, 2019.

Descrição das imagens: trata-se de duas fotografias que apresentam o monitor Paulo guiando os visitantes pela exposição, um grupo aproximado de cinco pessoas interagindo de forma tátil com as peças arqueológicas sobre a mesa expositora.



**Fig. 12.** Monitoria nas demais coleções do MAR.

**Fonte:** Autores, 2019.

Descrição das imagens: trata-se de uma fotografia que apresenta o monitor Thiago guiando os visitantes pela exposição, um grupo aproximado de três pessoas, às urnas funerárias e fragmentos de vasos sobre baú de areia.

A visita foi realizada durante o evento de reinauguração do MAR, cujo objetivo foi inaugurar a ala de acessibilidade do MAR com as coleções organizadas para visitação pública.

#### **Avaliação da experiência na exposição inclusiva do Museu de Arqueologia Regional**

Para verificar se os resultados da exposição corresponderam aos objetivos

de promover acessibilidade aos bens culturais, analisamos o depoimento dos acadêmicos Paulo e Thiago, no intuito de saber se a exposição tátil cumpriu o papel de comunicar aspectos da cultura guarani aos visitantes cegos e com baixa visão. Também foi solicitado que apontassem quais as potencialidades e fragilidades percebidas e o que poderia ser melhorado na exposição e no atendimento prestado.

A primeira questão buscou saber se o mobiliário e o espaço de circulação da exposição tátil estavam adequados à visitação. Sobre o assunto, Paulo mencionou que as mesas poderiam ter outro formato, com menos quinas, para evitar que os visitantes se machuquem ao se aproximarem delas. Uma vez que o espaço destinado à exposição acessível é o mesmo das demais coleções do museu, há outras vitrines no local, o que dificulta o trânsito seguro. As peças estavam soltas sobre as mesas expositoras, o que, na percepção de Paulo, dificulta um pouco a visitação, pois, por mais que tenha sido uma visita guiada, às vezes, a pessoa prefere conhecer a coleção autonomamente. Nesse sentido, Paulo sugere a instalação de suporte ou separador entre as peças, algo para dar uma referência do espaço disponível para a experiência tátil.

Outro fator apontado por Paulo diz respeito à legenda das peças, pois não havia identificação em Braille e tampouco identificação para pessoas com baixa visão, como textos em contraste.

Já para Thiago, o fato de o mobiliário estar disposto próximo às paredes do Museu permitiu uma melhor circulação das pessoas.

Também foi sugerida por Paulo a instalação do piso tátil, que funciona como referência para quem tem deficiência visual, promovendo maior autonomia e independência ao sujeito que está ocupando aquele espaço. Sugere que seja disposto em formato de um circuito.

A segunda questão buscou saber se as peças selecionadas contribuíram para o aprendizado e se os fragmentos de cerâmica, réplicas e lascas foram significativos para o toque.

Thiago comentou que as peças cerâmicas em exposição apresentaram decorações plásticas, tais como unguado e corrugado, possibilitando a apresentação, a partir desses exemplares, das variabilidades de formas e funções das cerâmicas guarani e, conseqüentemente, abordar aspectos da cultura imaterial intrínsecas à fabricação e utilização desses artefatos pelo grupo supracitado.

*Houve também a apresentação do acervo de líticos lascados e líticos polidos que possibilitaram maior compreensão dos recursos técnicos utilizados por homens e mulheres do período pré-colonial brasileiro. Apresentamos variabilidade em relação ao peso, tamanho e texturas dos materiais de “pedra lascada” e de “pedra polida”. Os líticos lascados permitiram apreensão das partes cortantes, forma de manejo dos instrumentos e função (corte, raspador, perfurante). Os líticos polidos (tais como machados e tembetás) também foram utilizados para dimensionar a versatilidade tecnológica dos povos que os confeccionaram (Relato cedido por Thiago, 2019).*

Para Paulo, as peças arqueológicas e as réplicas foram muito significativas, pois,

*Tocar em uma peça sabendo que ela é original, que é fabricada pelos povos originários, por uma população indígena que possibilitou estar onde a gente está hoje, isso é muito rico, isso é muito reconfortante. E o melhor de tudo é esse acesso às peças, porque para quem não tem a visão, as outras peças ficavam em redomas e não poderiam ser tocadas. Então foi muito, muito, muito bom (Relato cedido por Paulo, 2019).*

Paulo comentou que o contato com as peças arqueológicas traz a pessoa mais para perto do conhecimento comunicado, criando um vínculo maior com o Museu. Trata-se de uma experiência mais profunda de saber o que são, e como foram fabricadas as peças. Apesar de toda a complexidade que envolve a experiência tátil – da sujeira, do suor, da gordura que estão presentes nas mãos, da

possibilidade de danos por quedas, entre outros fatores –, quando essas peças são abertas à visitação e quando estão passíveis ao toque, contribuem para uma experiência de aprendizagem mais rica, tornando-se mais interessantes tanto para quem vê e ainda mais para quem não possui a visão.

Com relação à dinâmica da visita, foi questionado aos monitores o que poderia ser melhorado e o que poderia ter sido evitado. Para Paulo, em relação à dinâmica da visita, como foi realizada durante um evento de reinauguração, havia um número considerável de pessoas. Por isso, acredita que o atendimento especializado a pessoas com necessidades especiais deveria ser exclusivo, ou acontecer com um número reduzido de visitantes no museu, menos pessoas videntes. Isso porque a visita especializada é mais demorada por mais tempo para tocar, perceber, para sentir as peças e ouvir a descrição sobre elas. É preciso que os monitores da exposição tenham conhecimento mínimo de audiodescrição para que se diminua a lacuna existente entre sujeito e objeto. A audiodescrição é uma ferramenta que busca informar por meio das palavras faladas o que está sendo exibido visualmente. Portanto, quando o monitor tem domínio dessa técnica, a visita se torna mais significativa para quem não tem a visão, uma vez que no interior do museu nem todas as peças são acessíveis ao toque.

Para Thiago, para melhorar a dinâmica de visita, seria necessário optar por guiar grupos de visitantes menores e com maior intervalo entre os grupos, para que os monitores tenham tempo para se preparar nos intervalos das visitas. Segundo ele, “um número menor de pessoas por itinerário seria mais adequado para preservar a integridade do material exposto. Evitar a sobreposição das falas dos monitores pode melhorar a experiência de visitantes cegos” (Relato cedido por Thiago, 2019).

Quando questionado se a exposição contribuiu para que os visitantes pudessem conhecer um pouco da cultura guarani

por meio das peças apresentadas, Paulo respondeu afirmativamente, mencionando que a exposição contribuiu muito para que as pessoas com deficiência visual conhecessem essa cultura. Disse que foi essencial a experiência proporcionada, principalmente no que diz respeito à possibilidade de acesso às peças originais e às réplicas. Como sugestão, comentou que poderiam ser oferecidas oficinas de educação patrimonial antes da visita à exposição, uma vez que, quando é explicitado o processo de fabricação das peças de forma mais detalhada, há melhor compreensão do que está exposto.

Thiago também concorda com Paulo ao mencionar que “a exposição das peças do acervo aliada à descrição e explicação do conteúdo é um recurso didático riquíssimo e tenta levar o visitante a uma imersão à cultura dos povos indígenas brasileiros” (Relato cedido por Thiago, 2019).

Paulo comentou sobre sua sensação em atender ao público dentro do museu, dizendo se sentir incluído.

*Uma efetiva e significativa inclusão social. Porque, tal qual qualquer pessoa, eu também posso fazer muitas, inúmeras atividades. E receber o público na exposição me fez experimentar, vivenciar isso. Então a minha sensação foi de me sentir útil, e me sentir incluído, pertencente àquele lugar, a este grupo de pesquisa* (Relato cedido por Paulo, 2019).

Na opinião de Thiago, a experiência também foi positiva: “experienciei outra forma de expor o conhecimento arqueológico, utilizando não apenas os recursos visuais habituais, mas a voz e, principalmente, o tato” (Relato cedido por Thiago, 2019).

Pensando em propostas de utilidades, Paulo sugere a imersão de pessoas videntes na exposição tátil, que, ao taparem os olhos com vendas e tocarem as peças, ouvirem a audiodescrição das peças da coleção e depois retirarem as vendas para poderem ter o visual, passariam por uma experiência sensorial ampliada.

Ao ser questionado sobre a experiência como monitor da exposição, Paulo diz que:

*Foi magnífico. Eu me senti, assim, reconhecido. Eu me senti importante. Acredito que, com mais domínio teórico das peças, do acervo, eu acredito que eu possa fazer visitas guiadas (monitoradas) até para quem tem a visão uma vez que a visão tem muita informação. Então, algumas características, alguns detalhes passam batidos ou as pessoas não entendem. E quando você fala, chama a atenção para aquela característica ou para a cor, ou para o formato, ou para a textura, isso ativa o imagético e complementa o que é visual. Então, é até uma sugestão. Eu me proponho, eu estou disposto e eu.... foi incrível. Foi incrível, foi muito interessante, foi superbacana mesmo. Foi formidável a experiência de ter feito esta exposição com as pessoas. Foi muito bacana mesmo (Relato cedido por Paulo, 2019).*

No entendimento de Thiago, a experiência como monitor de um grupo com necessidades diferenciadas “fez com que eu sáisse da zona de conforto e tencionou-me a repensar outras possibilidades de ensino que explorem outros sentidos do corpo” (Relato cedido por Thiago, 2019).

Pelos relatos dos acadêmicos que participaram de todo o trabalho de expografia e atuaram como monitores da exposição, percebe-se que, apesar da principal característica que os diferencia ser a visão, as impressões que ambos tiveram sobre o trabalho desenvolvido são muito parecidas, especialmente no que diz respeito às contribuições que a exposição tátil apresenta para a compreensão do que se quer comunicar.

A principal fragilidade apontada por ambos diz respeito a questões de infraestrutura – como formato e apresentação das vitrines expositoras, instalação do piso tátil, disposição do mobiliário – e a dinâmica de visita.

Diante dessas considerações, percebe-se que tanto para o público visitante quanto para a equipe do museu e, em especial, para

Paulo, que transita livremente nos dois universos abrangidos por esta investigação, as ações de acessibilidade propostas pelo Museu, por mais que necessitem de adequações, foram significativas para a difusão de conhecimento e a comunicação dos aspectos culturais propostos pela exposição.

### Considerações finais

A democratização e o acesso aos bens culturais perpassam diferentes pontos de vista até se tornarem prática social cidadã, especialmente quando são levadas em consideração as diferentes realidades vivenciadas. No Brasil, um país caracterizado pela diversidade cultural, os museus, responsáveis pela difusão cultural e preservação do patrimônio nacional, se tornam também espaços de aprendizado, servindo de campo fértil a essa diversidade cultural.

Com isso em mente, o relato aqui apresentado se torna objeto de reflexão sobre a necessidade de melhorias no atendimento ao público especializado. A abertura do MAR aos diferentes públicos, em especial às pessoas com necessidades especiais, possibilitará uma gama de novas ações, pesquisas, trabalhos educativos, publicações, relações, comunicações e aprendizados. Com base no cotidiano, o trabalho desenvolvido no âmbito do museu se consolidará e serão aprimoradas as intenções da equipe.

A realização do trabalho permitiu alcançar resultados positivos em direção a tornar a instituição museológica mais acessível e inclusiva ao público com cegueira e baixa visão. Dentre estes, podem ser pontuados:

- 1 percepção da real necessidade de melhorias infraestruturais, tais como instalação do piso tátil e melhor sinalização de cantos de vitrines, por exemplo;
- 2 mudanças no mobiliário e disposição de peças no interior do museu de forma a facilitar a visita de pessoas com necessidades especiais;
- 3 apontamentos com relação à facilidade de comunicação das informações com a

instalação de placas e etiquetas em Braille, além da produção de áudio guias;  
4 percepção da necessidade de produção de réplicas em maior quantidade para oportunizar a experiência tátil sem entraves;  
5 oportunidade de maior integração entre o público visitante, estagiários com necessidades especiais e demais integrantes da equipe do museu de forma a juntos pensarem estratégias de melhoria do espaço e dinâmica de visitas e atividades de Educação Patrimonial; e  
6 percepção de necessidade de treinamento da equipe de monitores e pesquisadores do museu, especialmente com relação a práticas e recursos inclusivos, como a audiodescrição.

O trabalho de acessibilidade para deficientes visuais e pessoas com baixa visão continuará com a formação da equipe para o atendimento especializado no Museu e em atividades de educação patrimonial. Futuramente, pretende-se capacitar toda a equipe para atuação no trabalho com diferentes públicos. Com o desenvolvimento dessa exposição, foi possível lançar luz aos novos trabalhos a serem desenvolvidos pelo MAR, inserindo-o no universo multifacetado da inclusão. Com isso a Unesp, por meio do MAR, cumpre a função social de promover o ensino e a pesquisa em prol de soluções para problemas reais e potenciais da sociedade, contribuindo para a divulgação da História e cultura regionais a públicos diferenciados.

SOUZA, G.P.O.; SILVA, F.L.; PASSOS, T.M.; LEONARDO, P.H.S.; FACCIO, N.B. Inclusive museum exhibition: the FCT-Unesp regional archaeology museum, Presidente Prudente, São Paulo. *R. Museu Arq. Etn.* 39: 140-155, 2022.

**Abstract:** This article reflects on accessibility in museums by analyzing a tactile archaeological exhibition aimed at learning about aspects of the Guarani culture. To this end, it presents the results of a practical experience lived by blind individuals during a monitored visit to the exhibition organized by the FCT-Unesp Regional Archaeology Museum, Presidente Prudente campus, São Paulo, Brazil. The visit consisted of a guided walk with mediation through the museum's long-term exhibition area and a tactile experience in an exhibition previously prepared by the museum researchers, with the participation of a blind academic. This experience took place over six months, with activities for selecting materials, describing parts, making identification tags and monitoring training. Visitors, also blind, had contact with the exhibition for 2 hours, when they learned, through the tactile experience, about aspects of the Guarani culture from the manufacturing characteristics of ceramic vessels. The study proved that it is possible to guarantee the accessibility of museum communication by means of exhibitions previously thought and prepared for this purpose.

**Keywords:** Accessibility in museums; Tactile exhibition; Guarani culture; Regional archaeology; Sociomuseology.

#### Referências bibliográficas

Aidar, G. 2002. Museus e inclusão social. *Ciências & Letras* 31: 53-62.

Brasil. 2009. *Decreto nº 6.949*, de 25 de agosto de 2009. Disponível em: <<https://bit.ly/374bL4F>>. Acesso em: 12/11/2021.

- Cenci, A. 2015. A retomada da defectologia na compreensão da teoria histórico-cultural de Vygotski. In: *Anais da 37ª Reunião Nacional da ANPEd*, 2015, Florianópolis.
- Cury, M.X. 2005. *Comunicação museológica: uma perspectiva teórica e metodológica de recepção*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Figurelli, G.R. 2013. O público interno dos museus: reflexões sobre os funcionários de museus enquanto público-alvo das ações educativas museológicas. *Cadernos de Sociomuseologia* 46: 29-46.
- Fleury, L. 2009. *Sociologia da cultura e das práticas culturais*. Senac, São Paulo.
- Mantoan, M.T.E. 2015. *Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?* Summus, São Paulo.
- Moreira, A.F.B. 2001. A recente produção científica sobre currículo e multiculturalismo no Brasil (1995-2000): avanços, desafios e tensões. *Revista Brasileira de Educação* 18: 65-81.
- Moutinho, M.C. 2014. Definição evolutiva de Sociomuseologia: proposta de reflexão. *Cadernos do Ceom* 27: 423-427.
- Tojal, A.P.F. 2015. Política de acessibilidade comunicacional em museus: para quê e para quem? *Museologia & Interdisciplinaridade* 4: 190-202.
- Vigotski, L.S. 2011. A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal. *Educação e Pesquisa* 37: 861-870.